

# A HERMENÊUTICA DO SUJEITO EM MICHEL FOUCAULT

Alexandre Sech Júnior

Mestrando em filosofia - PUCPR

**Resumo:** Michel Foucault pode ser definido como o filósofo das visibilidades ao considerarmos que ele atribuía à filosofia não a tarefa de desvelar o que está oculto, mas tornar perceptível aquilo que de tão próximo e tão intimamente ligado a nós, nos parece invisível. É no exercício dessa tarefa que Foucault diagnosticou o mundo ocidental como “confessante”, ao denunciar uma sociedade na qual falamos a verdade àqueles cuja autoridade nos libertará. Em suas incursões arqueogenealógicas, ele argumenta que as práticas hermenêuticas originadas da confissão cristã, são hoje os instrumentos dos quais formas complexas de poder lançam mão para nos dizer quem somos e o que devemos fazer, em outras palavras, são usadas para nos conduzir. Para Foucault, portanto, somos sujeitos hermenêuticos constituídos nas tramas de estruturas de poder. Assim, através do olhar desse filósofo, este artigo busca o conceito de hermenêutica na obra de Michel Foucault. Nesse processo apresentamos a origem de suas práticas na antiguidade e sua face moderna a partir dos mestres da suspeita Nietzsche, Marx e Freud, bem como o seu papel na constituição ética do sujeito. Para tal empresa levamos em consideração as transcrições do curso *A Hermenêutica do Sujeito* proferido pelo filósofo em 1982 no *Collège de France* em Paris e outros textos seletos, assim como entrevistas do mesmo filósofo em *Ditos e Escritos*, volumes I, II, IV e V.

**Palavras-chave:** Michel Foucault, hermenêutica, sujeito, ética, verdade.

**Abstract:** Michel Foucault might be defined as the philosopher of visibilities, if we consider that he ascribed to philosophy not the task to lift any veil, but to make perceptible what seems invisible given its closeness and intimate connection to us. Through that practice Foucault diagnosed the western world as a “confessing” one, denouncing a society where we are constantly talking about ourselves to those whose authority will set us free. In his archeo-genealogical incursions, Foucault argues that hermeneutic practices which originated in the Christian confession are today the instruments used by complex forms of power to tell us who we are and what we must do, in other words, they are used to conduct us. We are therefore, according to Foucault, hermeneutic subjects constituted in schemes of power. Thus, this article seeks, through the perspective of this philosopher, the concept of hermeneutics and within this process we set forth the origins of its practices in ancient times and its modern face since the thoughts of the masters of suspicion Nietzsche, Marx and Freud, as well as its role in the ethical constitution of the subject. For such enterprise, we took into consideration the transcripts of his course *The Hermeneutics of the Subject*, at the *Collège de France*, Paris in 1982, as well as interviews and selected texts by the philosopher in *Dits et écrits* I, II, IV and V.

**Key-words:** Michel Foucault, hermeneutics, subject, ethics, truth.

Michel Foucault, filósofo francês de relevância na contemporaneidade, marcou seu trabalho não somente pela originalidade de suas idéias, mas também por uma série de controvérsias e discussões relativas às suas posturas ideológicas ou à metodologia que empregou em seu trabalho. Para alguns era um intelectual que deixava de lado questões maiores em detrimento de outras de menor expressão filosófica. Para outros, um pensador que ajustava a história aos seus propósitos argumentativos, o que demonstraria uma falta de compromisso com a precisão dos fatos no tempo. Foi taxado de relativista, niilista, anti-humanista, ou no papel de intelectual engajado, defensor de causas questionáveis. Teve a sua obra interrompida no auge de sua produção intelectual em 1984, quando morreu aos 58 anos de idade. Com isso, não pôde completar o seu projeto *História da Sexualidade*, que contava até então com três volumes publicados (*A Vontade de Saber*, *O Uso dos Prazeres* e *O Cuidado de Si*), não publicando um quarto volume, *As Confissões da Carne*. Mais do que uma obra inacabada, ele deixou muitas questões abertas, dentre elas, quem era Michel Foucault. Aliás, ele parecia incomodar-se com as tentativas de seus comentadores e críticos em rotulá-lo, enquadrá-lo, classificá-lo, enfim, imobilizá-lo em uma categoria definitiva, estivesse ela no nível metodológico, filosófico-ideológico ou pessoal. Ele próprio declarou em uma entrevista no ano de 1982 quando indagado se era filósofo, historiador, estruturalista, ou marxista:

Não acredito que seja necessário saber exatamente quem sou eu. O principal interesse na vida e no trabalho é tornar-se alguém que você não era no início.<sup>1</sup>

Portanto, o presente artigo tem por objetivo, não posicionar Michel Foucault como filósofo maior ou menor, melhor ou pior, à esquerda ou à direita de um marco referencial qualquer, mas sim tratar pontualmente do tema da hermenêutica em seu pensamento, a origem de suas práticas na antiguidade e sua face moderna a partir dos mestres da suspeita Nietzsche, Marx e Freud, bem como o seu papel na constituição ética do sujeito.

Esse tema tem sua origem em um dado tão particular quanto curioso, mas na medida em que nele se avança e se aprofunda, revela suas verdadeiras dimensões. Essa constatação é a de Michel Foucault não pronunciar a palavra “hermenêutica”, em momento algum no decorrer do curso de 1982, *A Hermenêutica do Sujeito*, cujas transcrições deram origem à publicação da obra de mesmo título. Aliás, a única ocorrência do já citado termo está no Resumo do Curso,<sup>2</sup> também publicado no *Annuaire du Collège de France* e republicado mais tarde em *Dits et Écrits*, volume IV. De curiosa, essa peculiaridade eleva-se a um grau maior, por tratar-se de um curso que já vinha sendo anunciado há algum tempo naquela instituição e principalmente por ser Michel Foucault o seu locutor. Na tentativa de explicar esse fato, emergem duas hipóteses possíveis, uma relacionada ao seu método, e outra, ao conteúdo do curso. Ambas serão analisadas sobre o terreno delimitado pelo binômio sujeito – verdade, campo ainda aberto para novas tentativas de equação das questões foucaultianas. Dentre as mais recentes, o argumento de não existirem verdades no mundo, mas interpretações sejam elas, científicas, religiosas ou filosóficas, sendo essa a essência do período pós-moderno (se é que ele existe) no qual nos encontramos. Sob essa perspectiva o mundo não é percebido, mas sim interpretado. Ora, se a hermenêutica é tida comumente como o estudo dos princípios metodológicos de interpretação e explicação, o tema agora assume dimensões que ultrapassam os limites de uma discussão puramente técnica.

Na primeira hipótese, problematiza-se a questão da seguinte maneira: Teria Michel Foucault se rendido a uma nova abordagem metodológica, como parte de seu projeto genealógico?

Isso não seria inédito na carreira desse filósofo, pois Foucault já havia passado anteriormente por uma mudança de metodologia em seu trabalho. Do método denominado arqueológico, Michel Foucault passou a utilizar também a genealogia, sendo que alguns de seus críticos afirmam a substituição daquela por esta, e outros defendem a

incorporação do método nietzschiano ao seu trabalho, dando origem assim a uma arqueogenealogia. Outra indicação que corroboraria essa hipótese é expressão “hermenêutica” como parte do título do curso. Em três livros publicados na década de 60, Foucault incluiu seja no título ou no subtítulo, o termo “arqueologia” como indicação metodológica naquelas obras. Esse fato poderia induzir os mais incautos à conclusão apressada de que o autor estaria mais uma vez apontando para uma nova sistematização investigativa.

No entanto iniciaremos nossa investigação pela etimologia do termo hermenêutica cuja origem é verbo grego *hermeneuein*, que significa interpretar, e o substantivo *hermeneia*, interpretação. Ambos obviamente remetem ao deus-mensageiro grego Hermes, sendo ele não apenas o portador de uma mensagem que transita entre o mundo dos deuses e o dos mortais, pois além de veículo, o deus grego articula em si, três funções fundamentais que vão além do simples trânsito daquilo que se lê. Ele é o porta-voz, ou aquele que exprime, afirma, diz a mensagem; ele é o mediador, ou aquele que explica, torna inteligível o que o outro quis dizer na mensagem por conhecer ambos os mundos ou os contextos de onde veio e para onde irá a mensagem; e é também o tradutor, ou seja, aquele que conhece as distintas línguas dos deuses e mortais, capaz de transformar uma mensagem estranha em uma familiar.

Martin Heidegger relaciona o deus-alado na sua visão de filosofia-como-hermenêutica, ao dizer que Hermes traz a mensagem do destino; que *hermeneuein* é esse descobrir de qualquer coisa que traz uma mensagem. O próprio Heidegger define a sua análise da presença cotidiana do homem no mundo em *Ser e Tempo* (1927), de “hermenêutica do *Dasein*”. Nesse contexto, ele dá um passo além no desenvolvimento da hermenêutica como “explicação fenomenológica da própria existência humana”,<sup>3</sup> sinalizando-a também como objeto de compreensão e interpretação.

Mais recentemente, Paul Ricoeur, em sua obra *De l'Interprétation* (1965), retoma o conceito de hermenêutica como o conjunto de regras que determinam a interpretação de um texto ou de um conjunto de sinais suscetíveis a serem considerados como textos. Para Ricoeur, essas representações simbólicas, sejam elas mitológicas, sociais ou literárias, ou até mesmo os sonhos, embora equívocas, são manifestações de um significado latente, portanto, passivos de serem decifrados pela hermenêutica. É nessa atmosfera de desconfiança da superfície que oculta um sentido, que Paul Ricoeur aponta Marx, Nietzsche e Freud como seus desmitificadores, ou como ele os chama, os mestres da suspeita que através de seus sistemas de pensamento, interpretaram o símbolo como representação de uma realidade falsa.

É aqui que podemos encontrar Michel Foucault, que no mês de julho de 1964, ao participar de uma mesa redonda no Colóquio de Royaumont, compartilhou do mesmo solo em que se encontrava Ricoeur ao afirmar:

Se essas técnicas de interpretação do século XVI foram deixadas em suspenso pela evolução do pensamento ocidental nos séculos XVII e XVIII, (...), muito singularmente, Marx, Nietzsche e Freud nos põem diante de uma nova possibilidade de interpretações: eles fundaram novamente a possibilidade de uma hermenêutica.<sup>4</sup>

Para Foucault, os três pensadores citados modificaram profundamente aquilo que conhecemos como realidade, não por haverem multiplicado os signos no mundo ocidental e nem por terem dado novo sentido ao que não tinha sentido antes. “Na realidade, eles mudaram a natureza do signo e modificaram a maneira pela qual o signo em geral podia ser interpretado.”<sup>5</sup>

Foucault assim distingue as três características essenciais no trabalho de Marx, Nietzsche e Freud, que para ele, possibilitaram o surgimento de uma “hermenêutica moderna”, como ele mesmo a denomina. A primeira diz respeito ao “espaço de

distribuição no qual os signos podem ser signos.”<sup>6</sup> Foucault afirma que do século XVI até o século XIX, esse espaço era homogêneo e nele estavam distribuídos também homogeneamente signos que se relacionavam de forma equilibrada, tendo na semelhança, o seu fiel da balança. A redistribuição dos signos promovida por Marx, Nietzsche e Freud, instituiu também, uma nova dimensão no campo das interpretações, a da profundidade. No entanto, profundidade aqui não deve ser entendida como movimento para o interior. Pelo contrário, ela é o que se revela na busca da exterioridade de algo que está oculto. Para cada um deles, a profundidade se configura diferentemente. Para Nietzsche, ela assume a sua dimensão na ação de escavar que deve ser feita pelo intérprete em busca da exterioridade do que estava até então encoberto, soterrado. Já para Marx, a profundidade está no plano, ou seja, na medida em que o intérprete se aprofunda longitudinalmente no horizonte que divide a infra da superestrutura, destitui da condição de obstáculo enigmático, a moeda, a burguesia ou o capital, citando apenas alguns exemplos. E finalmente, Freud, que interpreta o visível da consciência, buscando decifrar as mensagens que estão ocultas nas profundezas do Inconsciente.

A segunda característica identificada por Foucault é a inesgotabilidade e a infinitude do processo interpretativo que se estabeleceu a partir dos mestres da suspeita. Isso talvez porque os três recusavam a ideia de haver um começo àquilo que se interpreta diferente da origem do signo. Portanto, a interpretação é infinita no seu movimento de retrocesso, o que estabelece também, em direção contrária, a do processo, uma abertura igualmente sem fim. Foucault afirma que a impossibilidade de se concluir a interpretação ocorre porque, na verdade, não há nada para se interpretar, em outras palavras, que não há nada que seja anterior à interpretação. O que existem são interpretações de interpretações anteriores e assim sucessivamente. Mesmo os signos são interpretações de outros signos.

Isso é também visível nos três pensadores que ele toma como referência. Nietzsche interpreta com a filologia, palavras que para ele foram “inventadas pelas classes superiores”,<sup>7</sup> o que faz com que essas classes imponham a elas sua interpretação. Freud interpreta os sintomas de seus pacientes a partir do que eles dizem sentir, o que por sua vez não deixam de ser também interpretações, e Marx interpreta, por exemplo, a moeda no sentido de ela ser o fruto das relações de produção.

Pode-se dizer que para Foucault, abaixo da superfície de uma rede complexa formada por signos, existe uma trama infinitamente mais complexa formada por interpretações, sendo elas as responsáveis pelo surgimento dos signos. “Talvez essa primazia da interpretação em relação aos signos seja o que há de mais decisivo na hermenêutica moderna.”<sup>8</sup> Dessa maneira, o signo passa a abrigar todas as contradições, oposições, tensões, negatividades e positivities necessárias para que se possa jogar uma dialética da interpretação.

E finalmente, a última característica da hermenêutica moderna exposta por Foucault, que é a interpretação estar constantemente obrigada a interpretar-se, ou seja, retomar-se infinitamente. Isso porque o seu tempo é de circularidade, o que garante essa infinita retomada, pois seu fundamento não é um signo que determina origem ou ponto de chegada, mas o fato de que só há interpretações.

Ao buscarmos a resposta a nossa primeira questão, na amplitude de sua avaliação sobre uma hermenêutica que ele denomina de moderna, Michel Foucault não se inclui e nem ao menos indica ter sofrido sua influência. No curso *A hermenêutica do Sujeito*, sua abordagem metodológica de investigação e de análise parece não ser congruente com os parâmetros por ele estabelecidos ao tomar Nietzsche, Marx e Freud como pontos referenciais na fala de 1964. Embora Foucault avalie a hermenêutica como a interpretação infinita e múltipla de interpretações que precedem até mesmo o signo, ele parece ultrapassar esse conceito. É bem verdade que o seu método arqueogenealógico detém uma dimensão interpretativa, pois diagnostica as insatisfações e perigos do presente, não se

ausentando dele e compreendendo os seus significados a partir do seu próprio interior. Todavia, Michel Foucault logra ao mesmo tempo com o seu método, manter um distanciamento característico do estruturalismo, sem ser um estruturalista, é claro. Dreyfus e Rabinow, comentadores de Foucault classificam o seu método da seguinte forma:

Usando este novo método, que chamamos de analítica interpretativa, Foucault pode mostrar como, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se uma espécie de objeto e sujeitos analisados e descobertos pelo estruturalismo e pela hermenêutica.<sup>9</sup>

Descartada a hipótese da hermenêutica como método de investigação e interpretação de Foucault, cabe agora uma segunda análise, a da hermenêutica como tema do curso por ele ministrado.

Em *A Hermenêutica do Sujeito*, Foucault trata essencialmente do conceito de cuidado de si (*epimeléia heauteau* em grego, *cura sui* em latim) e divide o seu trabalho em três momentos distintos: o primeiro, a que Foucault denomina de socrático-platônico, cujo foco exegético é o *Alcibiades I* de Platão, o segundo identificado como helenístico, sustentado por escritos de Sêneca, Marco Aurélio e outros estóicos, assim como de epicuristas e cínicos, e finalmente um terceiro, que trata de um recorte entre a passagem do ascetismo pagão para o ascetismo cristão.

No primeiro momento da sua análise, Foucault retoma o diálogo em que Platão descreve o encontro, após um longo período de anos de silêncio e de afastamento, entre Sócrates e o jovem aristocrata Alcibiades. Este acreditava estar pronto para assumir função política em Atenas, no entanto, Sócrates, pouco a pouco, fez Alcibiades ver o que desconhecia. Que os cuidados que teve com o corpo de nada lhe valeriam nessa nova fase da vida, que os seus conhecimentos não eram suficientes para garantir sucesso na vida política e que as suas riquezas tampouco tinham valor, pois os líderes estrangeiros além de uma educação muito superior à dele, eram muito mais abastados. Em outras palavras, para Platão na voz de Sócrates, é preciso cuidar de si porque se é ignorante, e muitas vezes, da própria ignorância. Cuidar de si é primeiramente conhecer a si mesmo, sendo que esse si mesmo é a própria alma,<sup>10</sup> a alma-sujeito de ação, o elemento que se identifica com o divino. Só assim, conhecendo o divino, ou o princípio do saber e do conhecimento, é que o indivíduo poderá reconhecer a si mesmo e conhecer a verdade. Essa é a nova proposta de Sócrates, o cuidado não do corpo, mas sim o da alma.

A relação entre mestre e discípulo representada por Sócrates e Alcibiades, é base para o modelo platônico e nela fica clara a busca por algo que está no interior desse discípulo. Essa busca visa o descobrimento, através da interrogação socrática, de que se é ignorante. Um movimento de exame que se revela na dimensão da profundidade, como em Nietzsche. Podem-se mesmo encontrar pontos de tangência entre Sócrates e Nietzsche no que diz respeito à tarefa do intérprete de retirar as máscaras daquilo que está encoberto. No entanto, para Sócrates, o que está encoberto é o que se ignora, sendo que para Nietzsche é o que está oculto. Embora Nietzsche critique a profundidade ideal da filosofia, que para ele é hipócrita, Sócrates não deixava de escavar na sua busca pela verdade ignorada ou esquecida pelo discípulo. Podemos afirmar que a crítica de Nietzsche recai sobre o objetivo da busca, mas não na sua ação interpretativa. Portanto, o cuidado de si implica o conhecimento de si, que para Sócrates é um reconhecer-se, é recuperar a memória da verdade.

Toda a superfície do cuidado de si é ocupada pelo imperativo do conhecimento de si, conhecimento que, como sabemos, toma a forma de apreensão pela alma de seu ser próprio, apreensão que ela opera ao olhar-se no espelho do inteligível, onde precisamente, deve reconhecer-se.<sup>11</sup>

Para Foucault, o modelo platônico subsistiu durante toda a Antiguidade e ressurgiu com vigor a partir dos séculos II e III, manifestando-se no cristianismo, mais especificamente nos movimentos gnósticos. Foucault afirma que o modelo cristão, ou

melhor, ascético-monástico, formou-se em referência ao modelo platônico. No entanto, aquele modelo, que será retomado mais adiante, serve aqui de baliza para localizar o segundo momento da análise de Foucault, a do modelo helenístico, que para ele foi resultante de um período encoberto aos nossos olhos, justamente por encontrar-se entre dois modelos de grande prestígio histórico.

O modelo helenístico é o mais enfatizado por Foucault no seu curso. Ele situa-se entre os últimos séculos da antiguidade e os primeiros séculos da nossa era, e tem como objetivo a constituição do eu, objetivo que terá como instrumento operador o que Pierre Hadot chama de “exercícios espirituais”, práticas voluntárias e pessoais destinadas a operar uma transformação do eu:<sup>12</sup>

Os exercícios espirituais correspondem quase sempre ao movimento pelo qual o eu se concentra em si mesmo, descobrindo que não é o que acreditava ser, que não se confunde com os objetos aos quais se prendia.<sup>13</sup>

Para Foucault, este foi um modelo de austeridade, que girava em torno da conversão a si, que mais tarde foi apropriada e re-elaborada pelo cristianismo dando origem à chamada “moral cristã”. O converter-se a si helenístico, que aqui tem relação direta com o conhecimento de si, pressupunha também um conhecimento da natureza, tanto nos epicuristas, quanto nos cínicos, mas principalmente nos estóicos. Para estes, vinculam-se o dirigir o olhar para si e o percorrer ao mesmo tempo a ordem do mundo. Sêneca, por exemplo, em seu texto das *Questões Naturais*, ao se perguntar o porquê de estar escrevendo tal livro, responde que o seu objetivo é primeiramente “percorrer o grande círculo do mundo e em segundo lugar, de buscar suas causas e segredos”.<sup>14</sup> Foucault ainda complementa, “penetrá-lo até suas causas e segredos interiores.”<sup>15</sup> Sêneca acredita que ao interpretar o saber do mundo, redimensionando acontecimentos passageiros como as riquezas, os prazeres e a glória, como manifestações de caráter fictício e artificial de uma realidade, o indivíduo se libertará da servidão a si. Segundo Foucault, essa servidão se dá no interior de um “sistema de endividamento – atividade – prazer”,<sup>16</sup> que constitui uma relação a si da qual o indivíduo quer se libertar.

Marx, de certa maneira, também decifra o mundo. Apesar do método dialético-marxista estabelecer uma grande distancia daquilo que se está analisando, Marx quando interpreta através da hermenêutica, manifestações de uma realidade mundana, também destrói símbolos, estabelecendo assim a falsidade de vários valores visíveis. Citamos Foucault:

O conceito de platitude é muito importante em Marx; no começo do *Capital*, ele explica como, diferentemente de Perseu, ele deve mergulhar na bruma para mostrar de fato que não há monstros nem enigmas profundos, porque tudo o que existe de profundidade na concepção que a burguesia tem da moeda, do capital, do valor etc. não passa, na verdade, de platitude.”<sup>17</sup>

E finalmente o terceiro modelo, o cristão, ou como Foucault prefere nomeá-lo, ascético-monástico, também caracterizado como o modelo da exegese, modelo este que se formou inicialmente face ao movimento gnóstico e que mais tarde se reformulou na Igreja cristã, dando à exegese de si em detrimento da reminiscência platônica a possibilidade do conhecimento de si. Para Foucault, nesse modelo, o conhecimento e o cuidado de si se articulam em três momentos: o da circularidade entre conhecimento de si e verdade do Texto e da Revelação, o do método exegético para o conhecimento de si, e o da renúncia a si como objetivo. É no segundo momento, o da exegese de si, que encontramos a hermenêutica como método interpretativo. Para Michel Foucault, este método “(..) é o da decifração dos processos e movimentos secretos que se desenrolam na alma, dos quais é preciso apreender a origem, a meta, a forma.”<sup>18</sup>

Esse tipo de exercício interpretativo é encontrado na literatura monástica dos séculos IV-V, mais especificamente em Cassiano. Para ele o espírito é algo que está sempre

em movimento e recebe constantemente um fluxo de objetos, de imagens, conseqüentemente de representações, cabendo ao indivíduo definir o grau de pureza dessas representações. Isto quer dizer em outras palavras, definir se elas são do mundo exterior ou simples ilusão, se elas vêm de si, de Deus ou sugeridas por Satã. Na determinação da origem das representações, Cassiano circunscreve esse exercício ao próprio pensamento, ou seja, à sua interioridade, cuja decifração se traduz na exegese do sujeito por ele mesmo.

Foucault, em outro momento do seu curso, aponta outra atividade de extrema importância que se desenvolveu de maneira complexa na pastoral cristã, a arte de falar. Ela se desenvolve em dois sentidos diferentes. O primeiro é o falar do mestre que se faz presente na pregação, no ensino e na confissão. Todos obviamente implicam na interpretação preliminar da Revelação materializada no Texto, que é decifrado e transmitido para o dirigido como a Verdade. Além da pregação, o mestre também busca decifrar o que é dito pelo dirigido na confissão, e aí que encontramos o outro sentido do falar na espiritualidade cristã. É o falar do dirigido manifestado na confissão, pois ele também tem uma verdade a ser dita, a verdade de si mesmo. É o momento em que ele deve decifrar em si, traços de sua fraqueza espiritual, de sua queda, da presença ou ausência de Deus ou de Satã. Feito isso, cabe agora ao confessor fazer um diagnóstico a partir do que é dito ou não dito pelo dirigido, descobrir o sentido oculto de seus discursos, i.e., usar da hermenêutica para decifrar o sujeito que confessa.

É nesse ponto do trabalho de Foucault, que mais uma vez encontramos a indicação de uma hermenêutica, na sua forma mais explícita. É no modelo cristão, mais especificamente, na confissão que a interpretação hermenêutica se concretiza duplamente. Com a decifração que o confessor faz do que o dirigido diz e com a interpretação deste sobre si mesmo. Aqui, outra aproximação é possível; a da relação entre a prática interpretativa da confissão e a prática hermenêutica de Freud, cujo objetivo é o de decifrar o que é dito pelo paciente, para que o não dito, o oculto, o recôndito se revele. Foucault confirma essa relação ao afirmar: “Portanto, antes de tudo, a psicanálise não é uma ciência, é uma técnica de trabalho de si sobre si, fundada na confissão.”<sup>19</sup>

Como conclusão da análise temática do seu curso, pode-se dizer que em *A Hermenêutica do Sujeito* predomina o tema “o cuidado de si” que se articula necessariamente com “o conhecimento de si”, sendo este alcançado através de práticas que, em maior ou menor grau, envolvem leituras e conseqüentemente interpretações. Como demonstra Foucault em inúmeros momentos de seu curso, o sujeito é interpretante do mundo, da natureza e do outro, mas não deixa de ser interpretado. É na dinâmica de um sujeito que é simultaneamente intérprete e objeto interpretado, que ele dirige sua atenção para si e também se interpreta. É nos discursos que se deslocam incessantemente, que Hermes se faz presente no dizer, no explicar e no traduzir, constituindo assim o sujeito. Contudo, Foucault abre espaços, indicando talvez a possibilidade de que esse sujeito também se torne senhor de suas interpretações, podendo assim tomar parte na sua própria constituição.

Talvez, o conceito de hermenêutica para Michel Foucault tenha mudado desde 1964, tomando agora uma dimensão muito mais ampla. No entanto, com os parâmetros por ele estabelecidos naquela ocasião, foi possível localizar nessa pequena investigação alguns momentos no seu curso em que a hermenêutica na antiguidade pôde ser apresentada como prenúncio de sua “face moderna”. Na busca de pontos tangenciais entre o que Foucault afirmou ser uma “nova possibilidade de interpretações”<sup>20</sup> e o conteúdo do seu curso, pudemos identificar algumas aproximações cruciais para futuras análises, mesmo que as diferenças garantam o distanciamento e evitem o anacronismo. Na verdade, podemos encontrar a hermenêutica na sua expressão mais nítida no curso ministrado por Foucault quando ele trata do modelo ascético-monástico, mais precisamente nas práticas confessionais cristãs. A hermenêutica como busca de sentidos ocultos em práticas sociais

que possam ser vistas como linguagem se concretiza aí, abrindo a possibilidade de investigação de um percurso cujo destino seria as práticas psicanalíticas da atualidade.

Na análise da hermenêutica como sistema metodológico do curso de 1982, define-se que Michel Foucault não limita suas investigações nesse âmbito interpretativo, pois ele mantém uma distância que permite que a sua análise seja isenta da interioridade que pressupõe essa metodologia. Mesmo assim, apesar desse distanciamento, Foucault não se abstém da interpretação, sobretudo nas suas análises do presente. Isso tanto é patente na obra de Foucault, que tais constatações levaram Dreyfus e Rabinow a mudar o título de seu livro de *Michel Foucault: do Estruturalismo à Hermenêutica* para *Michel Foucault – para Além do Estruturalismo e da Hermenêutica*.

Em outro nível de análise, mesmo considerando que toda hermenêutica é interpretação, mas que nem toda interpretação é hermenêutica, Foucault mostra o quanto a interpretação é parte essencial do nosso mundo, da nossa história e por conseqüência de nós mesmos. O quanto ela é agente de constituição de um sujeito e a que grau ela é esse sujeito, pois nos parece que para Foucault, interpretação e intérprete, hermenêutica e sujeito se confundem. Ele próprio esclarece: “...não se interpreta o que há no significado, mas, no fundo, quem colocou a interpretação. O princípio da interpretação nada mais é do que o intérprete”.<sup>21</sup> Todavia, Foucault adverte:

... quanto mais longe vamos na interpretação, ao mesmo tempo, mais nos aproximamos de uma região absolutamente perigosa, na qual a interpretação vai encontrar não só seu ponto de retrocesso, mas onde ela própria vai desaparecer como interpretação, ocasionando talvez o desaparecimento do intérprete.<sup>22</sup>

Foucault, ainda mais adiante em sua fala, afirma que esse ponto em que a interpretação torna-se impossível e que faz diluir-se aquele que interpreta, esse ponto de ruptura poderia ser algo comparado à experiência da loucura,<sup>23</sup> ao que nos atrevemos complementar: loucura contemplada por Freud, loucura vivida por Nietzsche.

## Notas

<sup>1</sup> Gauntlett 2002 (tradução nossa).

<sup>2</sup> Foucault 2004, p. 608.

<sup>3</sup> Palmer 1997, p. 51.

<sup>4</sup> Foucault 2000, p. 40

<sup>5</sup> *Idem*, p. 43

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 43

<sup>7</sup> *Ib.*, p. 48

<sup>8</sup> *Ib.*, p. 48

<sup>9</sup> Dreyfus & Rabinow (1995), p. x.

<sup>10</sup> “É a alma unicamente como sujeito da ação, a alma enquanto se serve (do) corpo, dos órgãos (do) corpo, de seus instrumentos, etc.” (Foucault 2004, p. 70).

<sup>11</sup> Foucault 2004, p. 310.

<sup>12</sup> Hadot 1999, p. 259.

<sup>13</sup> *Idem*, p. 274.

<sup>14</sup> Foucault 2004, p. 318.

<sup>15</sup> *Idem*, p. 318.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 333.

<sup>17</sup> Foucault 2000, pp. 44-45.

<sup>18</sup> Foucault 2004, p. 311.

<sup>19</sup> Foucault 2000, p. 310.

<sup>20</sup> *Idem*, p. 42

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 49.

<sup>22</sup> *Ib.*, p. 45.

<sup>23</sup> *Ib.*, p. 45.

### Referências Bibliográficas

- DREYFUS, H. & RABINOW, P. (1995). *Michel Foucault, uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, M. (1999). *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Ditos e Escritos, I*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_. (2000). *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Ditos e Escritos, II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_. (2004). *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (2005). *A História da Sexualidade, 1: A Vontade de saber*. 16ª ed. São Paulo: Graal.
- GAUNTLETT, D. (2002). *Media, Gender and Identity*. London: Routledge.
- HADOT, P. (1999). *O que é a Filosofia Antiga?* São Paulo: Loyola.
- ARAÚJO, I. L. (2001). *Foucault e a Crítica do Sujeito*. Curitiba: UFPR.
- PALMER, R. E. (1997). *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70.
- PLATÃO (1969). *Alcíades I e II*. 8ª ed. Lisboa: Inquérito.

Recebido em 15/11/2009

Aprovado em 12/12/2009.